Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos

José Daniel Rodrigues da Costa

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos

José Daniel Rodrigues da Costa

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

PORTUGAL ENFERMO

POR VICIOS, E ABUSOS DE AMBOS OS SEXOS.

DEDICADO AO SENHOR

JOSÉ LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANNA,

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1819

Com Licença.

SENHOR JOSE LUIZ GUERNER:

Quando comecei a compor esta Obra, intitulada=Portugal Enfermo por vicios, e abusos=logo me veio á lembrança o dedicar-lha. E approveitando estas primeiras idéas, foi tal o prazer, que concebi, por huma tão acertada escolha, que parecia que com mais facilidade, e affluencia me occorião pensamentos para a ultimar.

Eu faria huma injuria á Gratidão, se me lembrasse de outra pessoa para esta Dedicatoria; quando por experiencia tenho conhecido quanto a sua curiosidade, applicação, e talentos ambicionão as minhas Producções.

Aqui me offerecia agora a minha imaginação hum vasto assumpto, para tecer-lhe o Elogio, que merece hum homem amador das Bellas Letras, e ornado d'aquellas virtudes moraes, que tanto caracterizão o verdadeiro homem de bem. Mas fazer das suas apreciaveis qualidades huma extensa narração, seria dar por nova huma pintura ao mesmo Pintor, que a desenhou.

O Céo dilate a sua estimavel vida para consolação dos seus amigos; sendo hum dos que mais o preza, e respeita

José Daniel Rodrigues da Costa

PROLOGO.

Nem a vaidade de ser Author, nem a presumpção de exceder os Escriptores do meu tempo, nem o desvanecimento dos repetidos elogios, que muitas Pessoas me fazem, serião incentivos bastantes para eu escrever com tanta assiduidade, como escrevo. Não me

ufanão semelhantes apavonações; porque o deixar-me possuir destes fôfos sentimentos seria em mim huma bem notada mania.

Devem capacitar-se os meus amabilissimos Leitores que o meu genio, hum pouco propenso ás Bellas Letras, e mais que tudo, o muito, que prezo quanto he honesto, e civíl, he que me desafia a desembainhar a espada da Critica contra os vicios em todas as minhas Obras, acutilando estes, e poupando com tudo os seus adoradores.

He por tanto que exponho ao Público esta Obra dos achaques chrónicos, com que o tempo tem contaminado os antigos, memoraveis, e bem acceitos costumes do nosso Portugal; que quanto mais se reprehendem os d'agora, tanto maiores elogios se fazem aos passados.

Tem os vicios, e os abusos chegado ao maior auge na presente época em ambos os sexos. Não se lhes acha mediania; e neste labyrintho de cousas não fica ao homem, que bem pensa, mais que os dois refrigerios: ou de chorar, ou de rir dos destemperos deste Seculo nos excessos, que se observão no luxo, nas educações, e no viver de agora.

Com effeito eu vejo os tempos bem desgraçados para composições de qualquer natureza. Nos principios do Seculo dezoito houve muito quem escrevesse, porque havia muito quem lêsse; depois ainda houve muito quem lêsse, e menos quem escrevesse; mas presentemente nem ha quem escreva, nem quem lêa; porque as minimas cousas, que apparecem, nem essas mesmas se gastão.

Vamos porém sempre compondo alguma cousa para huma parte da mocidade bem morigerada, que ainda se encontra tanto nesta Cidade, como por essas Provincias; Rapazes applicados, de perfeita educação,

e que faz gosto ouvillos na sociedade: com estes me entenderei; em quanto os outros entregues ás desenfreadas paixões, que os illudem, se fazem verdugos de si mesmos. Sobre estes he que recahe a critica desta pequena composição, que desenvolve os achaques de Portugal, causados pela epidemia dos vicios, e abusos de huma grande parte de gente.

Leitor, perdôa aos defeitos da Obra; mas não perdôes aos teus, para não seres contado no catalogo dos viciosos: compra, e lê, que he o melhor modo de saberes quanto isto

Vale.

PORTUGAL ENFERMO PELOS VICIOS, E ABUSOS.

_Os escritos que saê da mão fóra
Tantas Sentenças tem, tantos Ledores,
Assim Miranda o canta, assim o chora.
Sempre a verdade achou murmuradores;
A mentira que damna, e lisongea
Sempre (em pouco saber) grandes favores._

Bernard. Cart. XV.

Portugal, Portugal! Eu te lastimo!
E bem que velho sou inda me animo
A mostrar-te os defeitos, e os excessos
Dos costumes, que tens já tão avessos
Dos costumes, que tinhas algum dia,
Quando mais reflexão na gente havia.

Tu de estranhas Nações foste invejado;
Hoje faz compaixão teu pobre estado:
Cada vez te vão mais enfraquecendo,
Todo o brilho, que tinhas, vais perdendo:
Paraiso do Mundo te chamavão;
As mais Nações com tigo se animavão;
Ellas porém ficárão sans, e fortes;
E tu a todo o instante exposto aos córtes
Da usura, da ambição, da falsidade,
Do egoismo, da fuga, da impiedade:
Males, que aos que bem pensão causão tedio,
A que apenas descubro hum só remedio,
Que outro melhor não ha, a que se apelle,
E muita gente chora a falta d'Elle[1]....

Portugal, Portugal! Eu te lastimo!
E o pezar, que me causas, mal reprimo!
Estás presentemente na figura
Do enfermo, que não póde com a cura,
Por ter molestias taes tão complicadas,
Que parte das receitas são baldadas.

Vai aos banhos do mar a Dama bella,
Porque delles precisa, ou por cautela;
O Velho busca estuporado as Caldas,
E alli da mocidade purga as baldas,
Consegue movimento em braço, e perna,
E a perdida cabeça já governa;
Frouxo Taful, que tem debilidade,

Por excessos de toda a qualidade
Recorre ás infusões d'aquacia, e quina;
Mas tambem pouco e pouco se defina,
Se não acautelou mais a saude,
E não tem depois disto quem o ajude;
Todos a tempo buscão curativo,
Para vêr se em seu mal tem lenitivo:
E só tu, Portugal, chegaste a estado
De seres paralitico entrevado!
Todos de fóra vem sangue tirar-te;
Porisso nada póde aproveitar-te.
Os Estrangeiros, que a Lisboa chegão,
Te vem bichas deitar, e todas pegão,
Sempre em proveito seu com abundancia,
Té ficares de todo sem sustancia.
Medicina não sei, mas tenho lido
Dois Livros, que me tem muito instruido,
Hum da propria exp'riencia, outro do mundo,
E só nesta lição he que me fundo,
Para bem conhecer por estes meios
Tanto os achaques meus, como os alheios.
Ora antes que de todo a vida exhales,
Ouve parte da origem de teus males.

Eu vejo de alguns homens apartados
Os deveres mais puros, e sagrados;
Atropellada a honra, a probidade,
A razão, a decencia, a sãa verdade:

Isto por homens, que apparencias tem
De honrados, de Christãos, de homens de bem

Eu vejo o feroz crime a garra alçando,
Os trêfegos viventes subjugando,
Só a fim de os trazer ao seu partido,
Deixando o bom caracter corrompido.

Eu vejo huns indivíduos mui sagazes,
De transtornar os outros bem capazes;
Porque com o systema de egoistas
Ao que os outros possuem botão vistas.
Lanção-lhes rede, rede que não falha,
Peixe grosso, e miudo cahe na malha,
Dizendo-nos depois, como em resposta:
Eu por aqui me sirvo, ou dei á costa.
Que em limpo Portuguez, nada confuso,
He fugir, ou quebrar, como hoje he uso.
Eu sei que hum Guarda-Livros foi chamado,
Para as Contas fazer de hum Ex-quebrado;
E como aquella quebra era segunda,
Não podia acertar-lhe bem a funda.
Té que lhe perguntou com desengano:
Com quanto quer quebrar, Senhor Fulano?
Esta pergunta prova que ha bicheiro,
Que inda que quebre, fica sempre inteiro.

Eu vejo hoje os amigos desfrutantes,
Palradores de officio, e bem fallantes,
Muito promptos em toda a patuscada;

Porém, em se occupando, tudo he nada,
De função em função, em bons jantares,
Por não ficarem vagos os lugares;
Mas que, se alguem lhes pede algum soccorro,
Virárão logo a peça para fôrro,
Fugindo de valer por amizade
Aos que fôrão da sua sociedade:
Vileza sem igual, que achar não pensa
O que tem hum vexame, ou tem doença,
Que em banquetes largou bastante a pelle,
Para nutrir os que hoje fogem delle.

Vejo homens, que de seu muito tiverão,
Que de tudo o que tinhão, conta derão
No teimoso valete, sota, e az,
Nos trez dados, que o copo saltar faz,
No grande tratamento afidalgado,
Na sege, no jardim, luzido estado,
Banquetes, sociedades, mancebías,
E outras taes, e quejandas bizarrias:
Tudo feito sem calculo seguro,
Sem minima lembrança do futuro,
Para agora se vêrem sem ter nada
N'huma vida bem triste, e desgraçada.

Eu vejo outros mesquinhos, e forretas,
Que não passão de velhas meias pretas,
Sua casaca eterna, já virada
No anno, em que a náo Cabrea foi queimada;

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com